

# Correio das Artes

Ano II Número 44 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 23/7/1950



## O S I N C A S

HILTON MARINHO

O ASSUNTO que nos propomos tratar aqui, pela extensão e multiplicidade de aspectos, não é daqueles que se amoldem ou adaptem à publicação em jornal, mesmo se tratando de um suplemento literário. Seria mais indicado a sua apresentação em plaquete ou em revista especializada, desde que tivesse merecimento para tanto.

Entregando hoje para publicação este trabalho sobre os Incas do Perú, o faço atendendo a instancias de alguns amigos que assim compartilharão do êxito ou fracasso da iniciativa.

O gênio aventureiro dos espanhóis aliado à fome de riquezas de que sempre se mostraram possuidores, deram à História algumas páginas das mais sugestivas, muito embora na sua maioria pouco nobres ou dignas de louvor. Uma delas se prende à conquista do Império Inca que floresceu nas terras da atual República do Perú e algumas áreas adjacentes.

Talvez que poucos fatos históricos tenham a documentar-lhe a existencia tantos depoimentos e estudos como o da conquista e desmoronamento do antigo Império dos Incas. Por outro lado porém, poucos são

os de real valor para um estudo das instituições e costumes daquela civilização, em virtude de não se apresentarem completos e quase sempre contraditórios ou decalcados em informações pouco verídicas, exigindo de quem os consulta um certo cuidado e exame crítico, para separar «o joio do trigo», como bem poderíamos dizer.

A derrubada e destruição impiedosa de uma forma de cultura, que em alguns aspectos era superior a dos que foram seus algozes,

não nos parece em absoluto um fato «nem bom, nem mau, com essa robusta amoralidade dos fatos históricos», como afirma Luiz Baudizzone. Acreditamos antes, que a fúria vandálica dos homens de Pizarro, destruiu um dos mais belos e sugestivos patrimônios culturais da América pré-colombiana, sem ao menos se acobertar de um motivo ou justificativa que os viesse a redimir perante o julgamento da posteridade.

O crime da destruição revelado progressivamente, se

tornou cada vez menos perdoável, à medida que se conhecia a grandiosidade e perfeição do que fôra sacrificado. Bem sugestivo e melancolicamente cruel aquele depoimento de Leguizamo acerca do povo que ajudara a exterminar: «Os Incas governaram a seus povos de tal maneira que não havia nem um ladrão, nem um homem viciado, nenhum ocioso, nem mulher adúltera ou prostituída...» O Perú antigo concretizara em magnífica realidade o sonho de Cabet — uma sociedade onde o crime era praticamente desconhecido.

Muito embora cause admiração aos que se dedicam ao seu estudo por vários e múltiplos motivos, sem dúvida alguma, nada surpreende mais que a organização econômica do Império Inca.

O Perú antigo, embora uma monarquia, era por sua organização, um Estado Socialista, antecipando em séculos e mais perfeitamente o fenomeno inglês dos nossos dias. A terra entre os Incas era objeto de um direito de propriedade coletiva dos habitantes, coletivismo agrário, que para alguns autores existiu no Perú antes mesmo do domínio dos Incas, havendo estes entretanto estabelecido um

## DECORAÇÃO

AUSTEN AMARO

*N*. O dorso daquela jarra de porcelana roxa, ha dois mil anos, o guerreiro está imobilizado no gesto de quem vai decapitar o inimigo em cujos cabelos tem mergulhada a mão esquerda!

II

*E, ainda não descreveu o gesto degolador... porque ficou admirando, presa de sua mão direita, a espada recurva de copo de bronze e ouro, incrustado de esmeraldas!*



## CORREIO DAS ARTES

socialismo de Estado em superposição ao coletivismo primitivo, como bem salienta o professor Louis Boudin. Isto aliás vem explicar algumas contradições que encontramos em grande número de obras, e, como salienta o professor da Faculdade de Dijon, «o verdadeiro problema que se nos apresenta, é investigar como se processou essa superposição na prática».

Na realidade, o fenômeno se processou lentamente, mesmo porque o poderio dos Incas sobre as terras do Império obedeceu a um processo de expansão por etapas, não se consumando senão depois de centenas de anos, com as guerras de conquistas dos imperadores peruanos. Convém salientar ainda que os soberanos Incas tinham por norma respeitar na mais ampla medida os costumes e forma de vida dos povos conquistados, e só lentamente, mais por persuasão que por violência, iam reorganizando em uma base socialista, a vida dos novos povos incorporados ao Império. Assim, quando da invasão espanhola, o Império não se apresentava uniforme, variando em algumas partes os costumes e formas de administração.

Essa tolerância política dos Incas foi na realidade a chave dos sucessos na expansão do Império, desde que as vantagens oferecidas aos povos conquistados, com o progressivo alevanta-

mento do padrão de vida, solidificavam a conquista das armas. Vencidos e vencedores, logo ao término das hostilidades quasi que confraternizavam, oferecendo o Inca, nestas ocasiões, festas aos vencidos, e, no mais das vezes, mantendo o poderio dos antigos Chefes sobre os seus povos a quem delegava poderes de administrar, dentro de um mínimo de exigências que a garantia do Império exigia.

Espectáculo curioso o daquela sociedade onde se desconhecia os grandes potentados bem assim os miseráveis e mendigos. Nenhum homem podia ser rico, nem pobre, no Perú; porem todos podiam desfrutar e na realidade desfrutavam do mínimo necessário. Não fesse o inconveniente que apresenta este sistema de trabalho e riqueza sob controle, no que se refere ao progresso resultante da ambição de melhorar, de ascender, de mudar de situação, teriamos uma forma de vida em sociedade quase perfeita. Convém salientar que as condições adversas de clima e relevo, a pobreza quasi gritante das terras peruanas, se levarmos em consideração ser o país de vida puramente agropastoril, exigia uma forma de economia dirigida, uma disciplina ferrea para produzir o necessário a sobrevivência da coletividade. Esta disciplina existia e Prescott bem a salienta quando estudando a vida

TEMPORARIAMENTE deixou de circular CORREIO DAS ARTES, não por descaso dos seus dirigentes, mas por motivos de ordem material. Uma vez sanadas as dificuldades, ei-lo, novamente.

Outro propósito não tem, em reaparecendo, este suplemento, senão o de congregar, numa política de divulgação cultural, intelectuais do norte, sul e centro.

Abertas estão, como sempre, estas colunas, a todos quantos se dedicam ao trabalho das letras e das artes. E' o que temos a oferecer.

A nossa linha de conduta manteremos, indiferentes, mesmo, às idéias pessoais. E tudo faremos para isso. Errando, procuraremos corrigir.

economica do habitante do Império, afirma: «Nenhum pródigo podia gastar seus haveres em ruidosas diversões ou com luxo. Nenhum especulador podia arruinar sua familia com aventuras duvidosas. O objetivo da lei era estabelecer um trabalho tranquilo e um prudente manejo dos negócios. Não se tolerava mendigos no Perú. Quando um homem ficava reduzido a pobreza por sua desgraça, que jamais ocorria ser por sua culpa, a mão da lei acudia a lhe fornecer socorro; não o socorro mesquinho da caridade particular, nem esse que derrama gota a gota os fingidos depositos da cari-

dade pública em certos países, mas sim, um socorro generoso e abundante que não humilhava a quem o recebia».

Não seria possível abordarmos em uma colaboração, que embora pouco apropriada como já frisamos, se destina a publicação em jornal, todos os aspectos da antiga civilização dos Incas. Somos forçados a um limite que não pretendemos transpor. Iniciaremos o nosso estudo, com breves considerações acerca do meio fisico onde floresceu aquela civilização.

(Continua)



## OS DOZE MELHORES ROMANCES

EM Paris, um júri composto de homens de letras e diversas personalidades como Albert Sarraut, o professor Mondor, Marcel Pagnol, Francis Carco, Jacques Jaujard, Jean Paulhan, Paul, Cuth Colette, o presidente Herriot, Pierre Brisson, Joxe, diretor geral das relações culturais, reuniu-se em Paris para escolher os 12 melhores romances do século. Eis a lista: Formina Marques, de Valery Larbaud; Les Dieux ont Soif, do Anatole France; La Colline Inspiree de Maurice Barros; Un Amour de Swan de Marcel Proust; La Confession de Mi-

nuit, de Georges Duhamel; Silbermann, de Jacques de Lacretelle, Les Faux Monnayeurs de André Gide, Therese Desqueyroux, de François Mauriac, LaCondition Humaine de André Malraux, Le Journal d'Un Curé de campagne de Georges Bernanos, La Nausée de Jean Paul Sartre, La Douceur de Vivre de Jules Romains, La Vagabonde de Colette, foi reunida aos doze melhores romances do meio século, embora Colette, que aceitou a presidência do júri, não tenha consentido em figurar entre os 12 autores escolhidos.

## A União

Fundada em 1892 — Patrimônio do Estado

Diretor — HILTON MARINHO

## CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDUARDO MARTINS

João Pessoa — Paraíba do Norte — Brasil



# PÉGUY, DISCIPULO DE BERGSON

ARNALDO WALD

"Beaucoup m'ont fait l'honneur d'écrire sur moi; personne ne l'a fait comme Péguy. Il avait un don merveilleux pour franchir la matérialité des êtres, les dépasser, et pénétrer jusqu'à leur âme. C'est ainsi qu'il a connu ma pensée essentielle, telle que je ne l'ai pas encore exprimée, telle que je voudrais l'exprimer".

Bergson (Ap. Souvenirs de Mme. Favre — Europe avril 1938).

COM a guerra de 1940, Péguy voltou à atualidade. Já, deste há muito, pesava o silêncio sobre o seu nome, mas, bruscamente, com os regimentos que partiam para o "front", esta natureza incendiária que fazia arder tudo que estava em volta de si, como dizia Daniel Halévy, este herói dos primeiros dias de 1914 voltou à mente dos soldados da França ensanguentada.

Verdade é que já o sentimento do novo conflito fizera surgir uma ampla literatura sobre Péguy. Em 1935, por exemplo, na sua bibliografia avultam os trabalhos de Louis Gillet, Henri Bremond, Massis, Gabriel Marcel, André Billy e Jean Guhenno entre outros. Nas vésperas da guerra pudemos ler os trabalhos de Paul Archaubault, Daniel Halévy, Ramon Fernandez, André Rousseaux e Paul Claudel. Mas somente na derrota, com o exame de consciência que esta exigiu da nova geração francesa, é que vimos completar-se o ciclo dos estudos sobre Péguy com os livros de Roger Secrétain, Romain Rolland, Jean Delaporte e André Henry. Este último, no seu livro "Bergson, maître de Péguy," focalizou um dos problemas essenciais para a compreensão do autor de "Clio". É interessante notar que se trata de um problema apenas esboçado pois, até agora, bem raros são os trabalhos sistemáticos que a ele se dedicaram e nossa bibliografia sobre este assunto limita-se a alguns artigos como os de Henri Danson e de Mounier num "Cahier du Rhône" publicado após a morte de Bergson,

Com um agudo senso filosófico e profundos conhecimentos de crítica literária, mostra-nos André Henry os prolongamentos da doutrina bergsoniana em Péguy. O parentesco espiritual entre o filósofo e o poeta é um fato. Quanto às interpretações todavia, pode haver divergências. Quatro são as possibilidades, ou que tenha havido influência de Bergson sobre Péguy, ou que tenha havido

ênica de Péguy sobre Bergson, ou discípulo sobre o mestre.

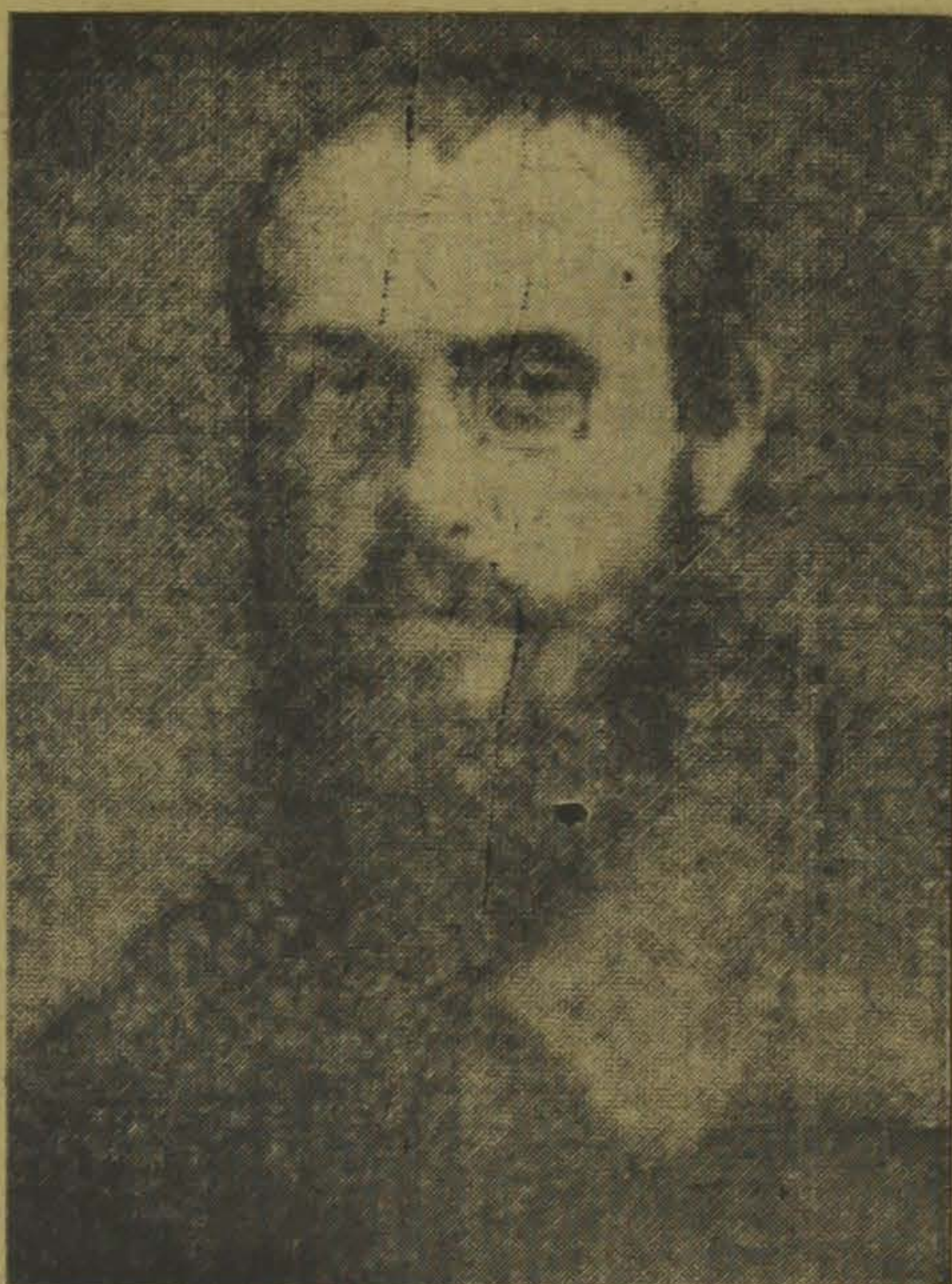
A revolução bergsoniana, como o escrevia Chevalier, estabeleceu a liberdade contra o determinismo, a realidade do espírito contra o monismo intelectual, a criação como fato contra o panteísmo em geral. Vamos encontrar novamente estas idéias em Péguy cujos princípios essenciais são o respeito ao pensamento, o apetite metafísico, a finali-

presente, redescobriu a vida e a liberdade, encontrou novamente "le vierge, le vivace et le bel aujourd'hui" pelo qual já clamava Mallarmé.

O bergsonismo é para Péguy "a filosofia do real" do mesmo modo que o cartesianismo fora a "filosofia da ordem". "Bergson quebrou nossas algemas" escreve Péguy; e prossegue: "il a ouvert un ébranlement, introduit une inquiétude, car une grande philosophie n'est pas celle qui n'a pas de vide, c'est une philosophie n'est pas celle qui a des pleins; une grande philosophie n'est pas celle qui prononce, mais celle qui requiert."

E, poucos dias antes da guerra, escrevia Péguy a Bergson: "Je suis votre disciple. Ne m'abandonnez pas! Sans vous qu'est-ce que je deviendrais?" Bergson, como tão bem o nota Romain Rolland, era uma parte integrante da vida de Péguy. "Ele lhe abriu o novo mundo e os caminhos vertiginosos da liberdade que acabaram confundindo-se com os da graça divina. Péguy não podia viver sem êle". E a mesma idéia domina o livro dos Tharaud: "Péguy — escrevem — pensait naturellement en Bergson". Para o autor de "Victor Marie, Comte Hugo", o bergsonismo era uma famosa revolução, era "a volta da metafísica ao mundo; um continente submerso, desde Descartes, que retornava à luz".

Péguy não adotou porém o bergsonismo tal qual; analisou-o, interpretou-o, criou-o novamente, aplicou-o. Aliás, Péguy já era bergsoniano antes de conhecer Bergson. Os seus biógrafos nos contam que ainda criança, êle não gostava das vidas "toutes faites", e, que aos vinte anos, antes de ter encontrado a filosofia bergsoniana e somente pela sua evolução anterior. Péguy sabia que devia liberar a realidade do "gaine" do já-feito, que devia chamar as coisas e os seres pelo seu nome, que devia interpretar novamente o mundo. Mas veremos posteriormente que, por sua vez, Péguy influenciou o bergsonismo, e "As duas fontes da



CHARLES PÉGUY

influência do segundo sobre o primeiro, ou que tenha havido apenas paralelismo entre os dois, ou que tenha havido influência de Bergson sobre Péguy na parte filosófica, e de Péguy sobre Bergson na questão religiosa.

É para a primeira solução que inclina André Henry, assinalando porém que devemos procurar para poder achar e que, se Péguy encontrou Bergson, foi porque, já, por si mesmo, tinha uma tendência para estas idéias, como o mostraremos depois, e, ainda, é certo que do outro lado, tenha havido uma contra-influ-

ência do real, a relação que mantinha entre o conhecimento e a ação e o senso do fato. E Péguy que, seguindo as próprias palavras do mestre, vai dar ao bergsonismo o seu completo desenvolvimento. A tímida liberdade bergsoniana desabrocha-se na liberdade dos filhos de Deus, o impulso cego, o "élan vital" passa a inscrever-se na ação criadora de Deus. Nota Jean Delaporte que: "Bergson é para Péguy o que foi Plotino para Santo Agostinho, uma liberação e uma incitação a ir mais longe e achar algo mais seguro". Para Péguy Bergson liberou o



moral e da religião" são a testemunha viva desta ação de Péguy sobre Bergson. Já encontramos em Péguy muitas das idéias que só iriam ser admitidas por Bergson vinte anos depois. O amor de Péguy aos mistérios iria ter um eco magnífico nas palavras de Bergson sobre a mística, a esperança da qual tanto gostava o autor de "Notre Jeunesse" viria dominar as páginas graves do ensaio do filósofo intuicionista, e o próprio "suplemento da alma" de Bergson que é senão a graça divina? Temos aqui, a nosso ver, mais um interessante caso de dialética.

Péguy porém considerou-se o discípulo, mas na sua concepção de discípulo. "Um aluno — escreve — só começa a impor-se no sentido e na medida que ele mesmo introduz uma voz, uma ressonância nova". E foi o que Péguy fez. Explicou e defendeu o bergsonismo na "Feira dos Jograis". Transformou-o e deu-lhe um entusiasmo novo, um vigor, uma vivacidade que não tivera antes. E com Bergson que Péguy revoltou-se contra o já feito e exigiu uma "philosophie de la mouvance". E graças a Bergson, ao dinamismo do autor dos "Ensaio sobre os dados imediatos da consciência", que Péguy pôde unir num mesmo amor Joana d'Arc e Polyeucte, Victor Hugo e Sófocles, Pascal e os soldados do ano II. E evocando o nome de Bergson que ele combate "la dérepublicanisation, la déchristianisation, la démystification". E com Bergson que ele condena o determinismo e o mundo do costume e do dinheiro. E com Bergson, enfim, que ele opõe ao "homem da moral que salva sua vida como se salva um tesouro poupando-a", "o cristão que salva sua vida como se gasta um tesouro, gastando-a".

Mas, verdadeiro discípulo, Péguy introduz uma nova nota no bergsonismo, visto que o aplica a vida. Ele dá ao bergsonismo a interpretação apaixonada do homem de ação que não é filósofo mas poeta. Sua inquietação não é mais metafísica e impessoal mas humana e individual. Bergson não sai do plano intelectual, do cérebro humano; Péguy vive no plano da ação, no plano dramático, cômico ou místico, na vida exterior

da realização prática. Bergson é o cientista que acompanha as reações de fora. Péguy é o homem que vive, que toma posição a todo momento, que sofre e luta e empresta à doutrina seu senso do trágico da fatalidade, e sua firmeza na esperança. Péguy traduz Bergson em linguagem bergsoniana. Um é o estrategista, o outro o militar; um o teólogo, o outro o pregador; um o filósofo, o outro o militante.

"As grandes filosofias não são senão linguagens criadoras" escrevia Péguy. Ora ambos falaram a mesma língua. Bergson inventou uma linguagem. Péguy a utilizou para alcançar novas realidades. Bergson foi Colombo, escreve André Henry. Estudou com ordem e método. Péguy foi mais um artista, um poeta. Penetrou no inexplorado e trouxe idéias destacadas que havemos de encontrar novamente em Bergson postas no seu conjunto natural. Mas ambos falam a mesma língua, a lin-

gua da duração embora cada um tenha um acento muito pessoal.

Bergson é filósofo, ora toda filosofia tem algo de geométrico; em toda filosofia, há um fio lógico uma sequência, um fio diatético, — é o que encontramos em Bergson. Mas Péguy rompe a continuação deste fio de tal modo que sua obra, como o escreve André Henry, tem mais uma ressonância bergsoniana do que propriamente um sentido bergsoniano. E continua o crítico dizendo que, na realidade, a obra de Péguy é uma justa posição de termos bergsonianos através dos quais o autor pretende interpretar a duração.

Mas Péguy não aceita o bergsonismo na sua totalidade. Se é de Bergson, escrutador da consciência profunda, que ele herdou o seu gosto pelas confissões, se sua nova concepção da história baseia-se no autor de "Matéria e Memória", se Bergson foi, com Hugo, Corneille, Sofocles,

Fascal, Vigny e Michelet, u modos seus maiores mestres, se mereceu a sua amizade jamais renegada, há uma parte do bergsonismo que Péguy recusou. Distingua ele dois tempos numa filosofia; um de método e o outro de metafísica. Péguy aceita o método de Bergson, como aceitará o de Descartes, mas recusa-se a seguir a metafísica tanto de um como do outro. Ele aceita a fecundidade mas insurge-se contra a fixação do espírito em construções momentâneas.

Péguy se interessa mais ao método do que a metafísica. Ele próprio toma a atitude que atribui às crianças: "O que elas querem não é chegar a algum lugar, sempre num ponto de decepção — é andar, é usar o caminho com as pernas, e nunca se cansar. E sentir suas pernas. E ter sede do caminho, e nunca poupar coisa alguma".

E pelo caminho de Bergson

(Cont. na pag. 10)

## EXERCÍCIOS

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA

### A ILHA

ELA vive tal uma cidade sitiada, perenemente imóvel e ferindo as águas inquietas. Porém, ao longe, o mar não parece inimigo, tão tranquilo nos surge a orla branca das espumas, sem qualquer impaciência, sem qualquer afam, como o respirar de um homem no sono, e então poderíamos mesmo pensar que a terra vagueia à mercê das ondas.

E quando próximos toda a quietude se desfaz. Impossível a menor concordia. O mar tudo deseja, sofrega, não abandona uma única parcela, um único grão de areia, tudo deseja cobrir, tudo adormecer em seu translucido seio. Que ele, apenas ele, esteja na face da luz, apenas ele e os astros como longinquo apelo. E não são as penhas demasiado fortes para o demoverem, nem a praia demasiado docil para vencer a sua ira. Não esmorece, cada vaga que torna, abre caminho para a que nasce, a sua fraqueza e sua força se igualam, sem que ele perceba tão febril inércia.

Cingida por essa luta, a ilha, calma, se entrega aos ventos, vive o que lhe vem da distância, a semente agitando o seu exíguo barro, as aves que pousam em suas escarpas ou árvores. Avidamente ela abriga todos os sinais de vida, ou teiro na campina de sal — a ilha verde, o mar verde, ó fria mulher movendo a sua cabeleira de sargarços, ó serena afo-gada como se o tempo não existisse.

### PORTAS

PENSA em teu gesto de abrir a porta, qualquer, terás sempre um desejo. Além da porta tudo poderia existir, e abrimos, incansavelmente abrimos. Ora, um triângulo de luz fere a sombra, ora ela nos invade. Porém, sempre é menos cruel que a porta lisa, silenciosa, tudo escondendo, talvez a tua morte, talvez a alegria que esperas, uma traição, ah! com frequência receíamos que as portas nos traíam e o gesto então se torna sofrega, às vezes, inconsciente, ta parece que a propria porta que se abriu, mas sempre queres a resposta, não poderias permanecer o que és.

### OS ESPELHOS

SOBRE o que nos debruçamos ao olha-los, em que distancia se perde a nossa imagem? Para o tato, são lisos, irrepreensível fronteira entre os mundos. Nelas verás as mesmas paisagens, e são outras, o mesmo vaso de flor, porém não poderás colher rosa alguma, nem apagar a vela, pois aquela chama não te pertence, e no entanto, também te encontrarás ali, as palavras que dizes estão ali, mas são silêncio, e quem as ouviria? Que reino neles adormece, que profundo reino, de calma ou de inquietação?



# A VIAGEM

Conjo de ASCENDINO LEITE

**T**INHAMOS chegado e isso era o bastante.

Para ser preciso, direi que nos achavamos em extremo fatigados. A viagem longa, o tresnoite sob a chuva, como esquecer tais agravos e tormentos?

Os caminhos amolecidos se abriam em alçapões inesperados, precipícios traiçoeiros onde o caminhão atolava-se para somente safar-se daí depois de penosos esforços. Os homens suavam em baixo do veículo, tentando libertar os pneus embutidos na lama.

Agora, recordo tudo. De cima, partiu um choramingar de criança; um canto de ninar viveu o espaço de um minuto. A criança, porém, continuou soluçando. Mas uma imprecação de mulher cortou o ruído da chuva e chegou até em baixo, aos ouvidos dos homens, ocupados no trabalho de desatolar a viatura.

— Cala-te!

Sobreveio uma pausa e o choro da criança cessou, como se ela tivesse compreendido a determinação.

O pior é que as horas passavam. Quando, afinal, o caminhão se safava de alguma dessas tenebrosas armadilhas, tão espaçadas quanto repentinas, recobertas de lama e atravancando a estrada tortuosa, não era improvável que, adiante, viesse a despencar noutra dificuldade.

Não era isso o que vinha acontecendo? Abandonamos Forte do Jucá calculando atingir Monte Orebe, trinta quilômetros à frente, dentro de umas duas horas. O temporal apanhou-nos, entretanto, mal desapareceu às nossas costas o casario do Forte. Tive o cuidado de consultar meu pequeno relógio de pulso e os ponteiros acusavam quinze minutos para as seis da tarde. Lembrou-me da barra vermelha; no poente, um sol sanguíneo, só prometia solidão calor e uma noite baça. De repente dum tufo de nuvens remotas e escuras, rebenta um turbilhão de relâmpagos, ventos rijos, trovões e água.

Como por encanto, os caminhos ficaram inundados, a terra se transformou em argila gorgolejante, a abrir-se em sul-

cos e grotões. Tudo o que antes era duro e hostil amoleceu e formara uma camada untuosa, sensível a todo peso que lhe pousasse a superfície.

Ao cabo de trinta ou quarenta minutos de viagem, houve o primeiro impecilho. Uma roda da parte trazeira do caminhão desapareceu num barranco. Parecia uma poça d'água. O veículo pendeu para a direita, ameaçando tombar de bordo, com toda a carga. Olhei para minha mulher. Tinha a criança ao colo. Havia sido como eu, jogada contra a grade do veículo e parecia espantada de ainda estar viva. Fomos arrancados desse estupor pela voz do motorista:

— Eta, chuva braba! Desta vez, afundamos mesmo.

Não disponho de elementos para dizer que tempo foi gasto nessa operação. Sei que me vi também forçado a emprestar meu diminuto esforço ao chofer e seu ajudante. Um pobre almocreve, escapo aos desígnios insondáveis do tempo-

ral andando rumo oposto montado no seu burrico, parou surpreendido com aquele acidente em meio à noite intranquila.

— Qué que há?

Explicamos o que não precisava de explicação. Mas já o homem estava conosco, tratando de suspender a viatura até que ela alcançasse terreno firme.

Minha mulher ficou em cima, na carroceria. Estava silenciosa, como que tocada por uma expectativa indecisa. Disse-me que a criança adormecera. A noite se tornara impenetrável a uma distância diminuta, numa sorte de parede sombria, onde ia bater a luz ambígua dos faróis. Conclusa à tarefa, voltamos aos nossos lugares. Tinhamos as roupas encharcadas de chuva e de lama, talvez de suor também, porque a atmosfera continuava quente e a trabalhadeira nos estafara a valer.

Depois dos agradecimentos, o almocreve sumiu-se nas som-

bras como em esparvadiço fantasma solitário.

—  
Armando, o chofer, pisou no arranco, o motor pôs-se a funcionar, e o velho Ford, após alguns violentos esforços para abandonar o local, retomou a marha. Vez por outra, um trovejar avulso, seguido de relampago ou vice-versa, dava sinal de que o temporal insistia forte, amolecendo os aluviões da terra e abrindo rugas imensas e profundas pela estrada.

De mistura com a bagagem, caixas de querosene e outras mercadorias, coisas do comércio habitual do chofer — eu e Carol, sem contar a criança, que achara comodidade suficiente no regaço materno, sentíamos a chuva castigando o oleado, que servia de cobertura à carroceria e transformara o caminhão numa espécie de ônibus. Armando voltava-se, às vezes, da boléia e, olhando pelo retângulo da cobertura para o interior onde nos achavamos, perguntava-me em palavras gritadas, numa solicitude profissional, que a sociedade nas fadigas da viagem suavizara:

— A senhora... vai indo bem?

A minha resposta afirmativa, Armando acrescentou esclarecimentos:

— Temos que ir devagar, a estrada é ruim e a terra afrouxou. Está tudo mole.

Perguntei-lhe quando chegaríamos a Monte Orebe:

— Neste andar, daqui umas duas horas.

Era muito, para nós que já nos achavamos excessivamente cansados, para Carol, principalmente, e também para a criança.

—  
Pela madrugada deste dia, havíamos deixado P..., viajando de trem, durante seis horas até Forte do Jucá. Ai, eu contratara com o chofer o prosseguimento da viagem no caminhão. No momento, era o único veículo disponível e um dos poucos que operavam o trânsito comercial regular entre aquela localidade, por onde passava a linha da Great Western, e a vila de Monte Orebe, nosso ponto de destino. Devo acrescentar que o govêr-

## ALMA DE ARTISTA

D. SALDANHA

*A lua nasce cheia e coloriu a natureza de meiguete e poesia...  
O artista conjectura em vigília enquanto o luar ondula sobre sua janela.  
O homem comum dorme.  
E indiligente, olhou o satélite  
E sorriu do seu plágio fosforescente,  
Sabendo que o Sol ali se refletia.  
E foi dormir como um troglodita.  
O artista, vendo aquela moeda de prata,  
Profundou a alma em longas conjecturas...  
Sua vingança é que ele,  
Numa simbólica circunferência,  
É a vastidão da sua superfície,  
Que abranje tudo e toma  
Contacto com o universo.  
O homem comum é apenas o centro  
Limitado, e que sua alma é centrípeta  
Tal a coésão dos sólidos.  
Viu na luta o titere da terra.  
Vendo-a, o artista sonha, divaga, pensa  
E vê o infinito.  
Ela é a lanterna da sua inspiração  
Para conversar com as coisas  
E sentir irrealizadas emoções...*



no me transferira para essa localidade numa comissão em que havia algo de punitivo. Achava-me em desavenças com o delegado do Censo em P... homem rixento, que solenemente implicava comigo e com o meu hábito de aludir a certas fraquezas do prefeito. Era seu concunhado, circunstância que a principio, eu desconhecia e procurei continuar desconhecendo depois que fiz publicar no diário local uma nota cheia de reparos ao último orçamento.

Considero um orçamento uma coisa insípida, como de resto, tôdas essas outras complexas engrenagens do vasto sistema administrativo do nosso país. Mas, então, eu era jovem e estava tomado pelo demônio da mania reformista.



**N**OSSO colaborador, poeta Hernani de Lencastre. Nasceu em Sobral do Monte Agraço (Distrito de Lisboa), em 10 de outubro de 1911. Formado em Direito pela Universidade de Lisboa, é membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada; do Círculo Literário Antero de Quental e da Association Française des Collectionneurs d' Ex-libris. Tem publicado: «Nenúfares fora de água», poemas. E a publicar: «Jardins Suspensos», poemas; «Espumas Irisadas», poemas; «Caprichos em Almoeda», contos, e «Estrelas Cadentes», crônicas.

É colaborador do «Diário dos Açores», do «Correio dos Açores», de «Açores», do «Açoreano Oriental», do semanário cultural «A Ilha», de Ponta Delgada, do «Correio da Horta», d'«O Telégrafo», de Faial; do «Povo Algarvio», de Tavira, e do **CORREIO DAS ARTES**.

Minhas críticas consertaram o orçamento mas em troca des concertaram a minha vida, conclusão a que cheguei, desgraçadamente, naquela noite de lama e de chuva quando, depois da terceira ou quarta dificuldade da estrada, o caminhão quase desapareceu num novo atoleiro.

— Deus meu, quando chegaremos a esse maldito lugar? — gemeu a minha inexperiente companheira.

Não posso ocultar: era, aliás, a primeira vez que Carol enfrentava tais situações. Assim eu me sentia um pouco como poderia sentir-se o autor de alguma falta irremediável, de algum crime ou erro a purgar no íntimo, remordido por haver cortado a placidez de uma vida onde, até então, só houvera modestas sensações.

— Carol — disse-lhe, vais ver que estamos bem próximo da vila. Não tardará que saíamos desta abertura.

Quizera, por mais de uma vez, tomar-lhe a criança. Resistiu. Ela olhou para Alice, viu-lhe o rosto pender na penumbra. A menina dormia indiferente aquela nova interrupção, embora seu sono, já em extremo pesado e profundo, denotasse tão só o cansaço e fadigas daquelas longas assustadas. Sim. Carol sofria também pela filha, e era isso exatamente o que me deixava revelar naquele gesto silencioso, quase mecânico.

— Vamos — tornei a falar — Sei que ela também está cansada. Dá-me a pequena, precisas aliviar as pernas.

Carol recusou-se mais uma vez a atender-me.

Algumas aldeias, sendo a geografia o que é, simplesmente não existem. O mundo é vasto e elas se perdem por aí, como se jamais participassem da organização geral do universo. Podiam evaporar-se, como essas ilhotas sem nome que o oceano encobre um dia, para fazer com que reapareçam semanas, meses, anos após, acima das águas mas fora da memória dos homens.

Minhas lembranças de Monte Orebe não me permitiam fazer uma idéia do lugar para onde o destino me havia conduzido. Há alguns anos ouvi dizer que as coisas ali haviam conhecido uma radical transformação. Procurei averiguar o fato e verifiquei que a mudança se resumira num quase nada: construira-se um mercado

público no local outrora reservado à Igreja nova que a antiga já não era bastante para neutralizar, pela reunião domingueira à hora da missa, em torno do vigário, as rivalidades locais e os odiosinhos de família. Eu poderia, em alguns traços, recompor a fisionomia daquelas pequenas ruas, precisar os limites da vila dizer como, depois de vinte anos, Monte Orebe crescera apenas de um quarteirão com algumas construções sem importância, excetuado o armazem de algodão onde o coronel Nilo Barbalho reunia toda a safra do distrito. Mas teria eu habilidade suficiente para reanimar a essência de sua vida, essa realização desinquieta e não obstante intensa, feita de ignorância e de isolamento, que jogava com o destino de algumas centenas de seres em Monte Orebe? Não sei.

Era quase meia noite quando Armando e o ajudante conseguiram novamente passar o caminhão a terreno plano. Vios, por um momento encaminhando-se a pé para a estrada já percorrida, como se nos quisessem abandonar com o veículo naquela solidão insondável, e voltarem ao ponto de partida. A chuva havia cessado, a noite tornara-se menos quente, talvez fosse o aviso da madrugada. Armando dirigiu-se para a parte do caminhão onde nos abrigávamos.

— Estamos de sorte! — declarou — Aí atrás o riacho está um despotismo, de barreira a barreira. Se essa encresca tivesse acontecido do outro lado não poderíamos seguir.

— E agora?

— Mais uma meia hora e estaremos em casa.

Armando, como eu pressintira, já se havia inteirado de que era eu o novo comissário do Censo para Monte Orebe. Haviam-me reservado acomodações no hotel. Tudo se anranjaria a contento, como aliás ele me fez vez no momento em que, perplexo, eu me advertira de que talvez o hotel estivesse cheio. As duas menos um quarto batíamos à porta da hospedaria tão alquebrados e insensibilizados como se tivéssemos concluído uma excursão a pé à volta do globo são a pé à volta do globo.

## EDSON REGIS PREPARA NOVO LIVRO

**E**DSON Regis, o vitorioso poeta de O DESERTO E OS NUMEROS já anda se movimentando para lançar mais um livro de poesias. Ao que fomos informados, intitulou o seu próximo trabalho de AS CONDIÇÕES AMBIENTES.

Atualmente, trabalhando no matutino DIÁRIO DA MANHÃ, do Recife, o poeta pernambucano é um homem ocupadíssimo, no entanto, encontra sempre tempo para as atividades artísticas. No matutino de que é secretário, Edson Regis mantém um belo suplemento literário, verdadeiro incentivo aos valores que vão surgindo no panorama literário do Nordeste.



**U**m Ianque na Corte do Rei Artur», delicioso e célebre romance, que tanto divertiu e divertirá milhares e milhares de leitores do mundo inteiro, pois está traduzido em tôdas as linguas cultas, Mark Twain nos oferece, em surpreendente e nunca vista combinação, os tempos cavalleirescos e heróicos do grande rei Artur, entremisturados com a época mecânica e prosaica em que vivemos.

Esta nova tradução de «Um Ianque na Corte do Rei Artur» é direta, integral, e foi primorosamente feita por Alfredo Ferreira. É um volume mais da triunfante coleção «Os Maiores Êxitos da Tela», que vem sendo publicada pela Editora Vecchi, do Rio de Janeiro.



# Anatole France

CYRO DOS ANJOS

I

A LEITURA, hoje, de um artigo de Jules Romains sobre Anatole France transportou-me a dias já distantes e a uma Belo Horizonte que não mais se verá, em cujas ruas absurdamente líricas deambulava, pela madrugada, certo adolescente inseguro de si e do mundo, farto de projetos, parco em esperanças.

Esse jovem que morava numa «república» de estudantes onde o passado era fraco — «olha o seu tanto mais de vaca do que de carneiro», como na casa do herói manchego — descobriu, numa noite de verão, entre os livros do companheiro de quarto, um exemplar, já sem capa e meio desconjuntado, de «La Rotisserie de la Reine Pedauque».

Não havia dinheiro para o cinema, nem para o chope, no Stadt Wien, bar da boemia universitária. Engolfou-se na leitura da obra. Estava descoberto Anatole, que havia de ser uma longa amizade.

Nesse tempo, o livreiro Castilho vendia a seis mil reis os volumes da edição Calmann — Levy. Não se pense que era quantia pequena; uma entrada de cinema, no Pathé, custava mil e cem para estudantes e um par de sapatos «Neolim» material ultra-chique, valeria coisa de cinquenta mil reis. Assim, o custo real das utilidades corresponderia mais ou menos ao de hoje, conservadas, que foram, as proporções entre o valor do dinheiro e o preço delas.

Ora, o jovem estudante ganhava, por mês, cento e quarenta mil reis, dos quais devia pelo menos teoricamente, reservar oitenta para sua cota nas despesas da «república». Sobravam, pois, sessenta mil reis, com que acudir às despesas com

aulas, alfaiate, dentista, transporte, etc.

Naturalmente, não chegavam para nada, mas a mocidade pode dar lições aos ministros de finanças, nesta matéria de malabarismos e de equilíbrios fazendários. O certo é que se aranjava dinheiro para tudo isso e também para a aquisição do artigo de luxo, que era o livro.

Esse amigo a quem me refiro e que se maravilhara numa noite de verão com o descobrimento de «La Rotisserie», ignorava que Anatole houvesse caído da moda. Por essa época, os últimos leitores do Mestre veneravam-no discretamente, não ousando já pregar seu evangelho, nas rodas de livraria.

Mudara o espírito do tempo. Os campos, ainda fumegantes, da batalha modernista não compertavam a indulgência, o cepticismo, a ironia e o refinamento anatolianos. Além do culto

aos corifeus do movimento, aos pregadores da nova estética, podia-se permitir aos catecúmenos acender uma vela a Gide ou a Valery, que se mantiveram á toda ou a Proust, cuja figura crescia, singular e dominadora, nos domínios do romance. O tom do velho Anatole fôra, porém, proscrito e sua mensagem devia considerar-se perempta.

Nosso estudante não tinha porém, clara noção do que se passava em torno. Observava, de longe, as rodas literárias, sem ousar abeirar-se delas. Freguês assíduo da livraria, nem por isto se animava, por exemplo, a pleitear uma situação que reputava essencial á dignidade de aspirante ás letras: ter conta na casa.

A faculdade de comprar fiado era o que menos importava no caso, pois, afinal, com as mágicas orçamentárias em que se tornara perito, sabia conseguir

saldos de verba para livros.

O valor da concessão era todo moral; equivalia ao reconhecimento da condição de clerc. Um jovem intelectual que não tivesse conta na Livraria Alves não podia merecer o apreço de seus pares.

Como seria bom pertencer ao número daqueles que Castilho recebia no seu escritório, ou a quem Kneipp, com seu sorriso indefinível, á Gioconda, deliberava abrir um crédito... Constituíam pequena elite que era sempre distinguida com um telefonema atencioso da Casa, quando chegavam, da França, suspirados caixotes recheados de substâncias literárias.

Se participara, então, da intimidade daquele grupo intelectual, o moço talvez tivesse resistido á sedução da sereia anatoliana. A prevenção dos companheiros contra Anatole haveria

(Cont. na pag. 10)



TAPEÇARIA — Segundo um cartão de Júlio Santos Lisboa



# ANTOLOGIA POÉTICA DA NOVA GERAÇÃO

ORGANIZADA POR FERNANDO FERREIRA DE LOANDA

BUENO DE RIVERA

X



**B**UENO DE RIVERA, nasceu na cidade de Santo Antonio do Monte, oeste do Estado de Minas Gerais, em 3 de abril de 1914. Fez o curso primário em sua terra natal e o secundário em Belo Horizonte.

Quando muito moço, exerceu várias profissões, como repórter, comerciante, bancário, vendedor de apólices, etc. Foi locutor da Rádio Mineira por longos anos, tornando-se popular nos meios radiofônicos. Fez um curso de química, submetendo-se, logo depois, a concurso no Departamento de Saúde de Minas, classificando-se em primeiro lugar. Trabalha atualmente na redação da Rádio Mineira e no laboratório do Centro de Saúde, como microscopista. Publicou em 1944 o seu primeiro livro "Mundo Submerso" e em 1948, lançou "Luz do Pântano". Promete para breve um livro de poemas: "As Utopias".

## AS CARPIDEIRAS

**A**S carpideiras oficiais seguem o vosso entêrron imaginário, depositam flôres no mausoléu futuro.

Estão lívidas  
e seus olhos de pedra choram como fontes.

Pairam sobre os leitos. Nos seus ombros  
rolam os cabelos mortuários.

Elas vos oferecem os salmos da agonia,  
escrevem os vossos bilhetes suicidas,  
dão-vos a cerveja fatal, mostram o revólver no espelho.

Estão junto a vós como convivas  
do mesmo almoço, bebem no mesmo copo,  
confrontam vossos cronômetros. São lúcidas.

No póço do caminho vos esperam,  
vestidas de crepúsculo.

## OS OLHOS SECOS

**N**ÃO chego a ser um gemido entre o choro geral,  
os enxutos, mãos no bolso, a displicência.

Vejo o baile nas janelas acesas.  
Quanta alegria nos homens sem memória!

Outras janelas, o caixão, as velas no silêncio.  
As cortinas como almas libertadas,  
a lágrima da mãe no lenço preto.  
Os meus passos doem, cantando na calçada.  
As estrêlas quietas ruminando as horas,  
mas meus olhos aflitos e ninguém percebe.

O nó na garganta, o grito parado,  
a brasa na cinza...

## O FANTASMA

**N**ÃO nasceu das trevas,  
não surgiu do limbo.  
É apenas a idéia,  
a mais branca idéia.  
Madrugada eterna  
no polo invisível.

Não o vejo tôrno,  
não lhe aperto as mãos,  
as mãos frias, moles.  
Pressinto-o em mim  
como um lírio enorme  
crescendo no lodo.

Nasceu no meu dia,  
dormiu no meu berço.  
Não estava ao meu lado,  
mas viveu no meu sonho.  
Não é sombra, é a febre,  
a idéia mais pura,  
presença do eterno;  
talvez o intangível,  
talvez o mistério.

Não lembra os espectros  
dos túmulos abertos  
e de casas antigas  
onde parentes mortos  
soluçam na alcova.

Não espanta, não fere.  
É manso e invisível,  
calado e distante,  
apenas encanta,  
apenas sugere.

Passeia tranquilo  
no fundo mais fundo  
do eu infinito.  
Sinto-lhe os passos  
nos porões sombrios.  
Amigo impossível  
que procuro, olhando  
os meus olhos no espelho.

## ANGELA EMBALA O FILHO

**N**O rio da noite  
voga uma pétala.  
Um olho se acende  
na pedra do rio.  
É o lobo? É o mágico?  
No rio do enigma  
viaja uma pétala.

Viaja uma pétala  
sob o temporal.  
No rio do sono  
voga uma pétala.  
Que mão a protege?  
Que voz a conduz?  
Sobre as águas yôa  
uma rosa lúcida.  
No rio e na noite  
uma rosa canta...

Embalando a pétala  
uma rosa canta.



## Artes Plásticas



CABEÇA DE MOÇA e RETRATO DE HOMEM — Desenhos de Farnese

# Farnese - Aluno de Guinard

ANTONIO BENTO

De Belo Horizonte Guignard envia-nos uma carta apresentando o seu aluno Farnese, que está expondo presentemente nesta capital, na casa "Le Connoisseur", à rua Senador Dantas.

De sua passagem de alguns anos pelo curso do mestre, o jovem mineiro ficou com o gosto do desenho. Guignard submete seus alunos a um cuidadoso aprendizado dessa disciplina. Exercícios durante longas horas em sessões, não só de modelo vivo como de paisagens, em pleno Parque Municipal de Belo Horizonte.

Ainda Farnese pouco pintou a óleo, tendo apenas feito estudos, tanto que nem cuidou de incluí-los na mostra atual. Só agora vai dedicar-se mais seriamente à pintura.

Sua exibição no Rio não as-

sinala, propriamente a estréia de um artista; tem, antes de tudo o mérito de mostrar o progresso alcançado por um dos discípulos de Guignard. Este procura realmente dar uma base sólida de desenho aos seus alunos, nas várias técnicas adotadas.

Só em poucos trabalhos agora expostos Farnese deixa transparecer a caligrafia do mestre — e isso mesmo em dois ou três pequenos retratos de moças, feitos com lapis fino. No conjunto dos desenhos, não demonstra, por sua vez, influências ostensivas dos pintores modernos, apesar do ecletismo que sua exposição patenteia. Não possui ainda Farnese um estilo definido, como é tão comum em sua idade. Contudo, vê-se logo que possui grande habilidade, não emendando nunca

seus desenhos, feitos com lapis ou pincel.

FARNESE é figurativista, tendo inclusive predileção pelo retrato; não só por este como pela composição com figuras. Isso levou-nos a perguntar-lhe se não gostaria de tentar a arte abstrata, ao menos como exercício.

— Não tenho propriamente predileção pelo estilo figurativo — respondeu Farnese. Creio apenas que não conseguiria, com a arte abstrata, o que poderei fazer com a figuração.

— Por que?

— Simplesmente porque, para mim, a pintura não-objetiva dificilmente pode causar emoção a quem a contempla. E uma arte, sem essa possibilidade, não me parece completa.

O expositor coloca-se desse

modo entre os que não acreditam que a arte abstrata fale ao coração dos homens.

ALÉM dos 27 desenhos grandes e dos 34 pequenos constantes da exposição, vimos também os trabalhos que o jovem aluno de Guignard guarda em duas ou três pastas. Destes últimos são os desenhos reproduzidos nesta página. Na fixação das figuras em movimento, conforme se verifica pela série de desenhos de bailarinos, Farnese não tem preocupação de ordem intelectual com a linha. Domina-o o desejo de comunicar-se com o observador, através do sentimento, embora seja o desenho uma escritura intelectual por excelência. Para Farnese, Picasso e Matisse são os maiores pintores modernos. No plano do desenho, a tinha



matissiana parece-lhe mais expressiva que a do pintor de "Guernica". No Brasil, suas preferências vão para Portinari e Guignard, como pintores e também como desenhistas.

É curioso constatar que embora procure uma arte de emoção Farnese só recorra excepcionalmente à linha expressionista, que é a linguagem moderna adequada a uma comunicação mais viva com o público.

**O** ECLETISMO é o perigo maior que Farnese tem a enfrentar e vencer como desenhista, dadas as tendências de sua atual exposição. Não há dúvi-

moderno por excelência — é um eclético. Mas essa característica não se pode converter em norma estética, sendo apenas a expressão dum temperamento excepcional, até na contradição. De qualquer modo, os trabalhos de Farnese denotam qualidades pessoais, sobretudo no desenho linear, a lapis ou pincel. E revelam muita segurança, não apresentando nenhuma emenda o estudo feito. Sua caligrafia tem por fim isso mesmo um traço firme e resoluto, a exemplo do que se verifica no estilo dos verdadeiros desenhistas.

ANATOLE FRANCE

(Continuação da pag. 7)

de tê-lo impressionado, porque não? Sabe-se como somos sugestionáveis aos dezoito anos e quanto há de circunstancial, de caprichoso e de variável nos juízos literários. Mais tarde, tornamo-nos fiéis às nossas preferências, ainda que discrepem do gosto geral, e até costumamos cultivá-las, com diabólico orgulho, quando assim se manifestam. Na mocidade, porém, o medo de parecermos fora do nosso tempo nos torna tímidos. Alienamos, de bom grado, o que é característico em nós, para não nos vermos isolados. Acreditamos em toda espécie de dogmas, e não suspeitamos, ainda, de que, na literatura, as modas variam tanto como na indumentária, e que é próprio delas se revesarem, a espaços regulares.

Mais tarde, esse estudante e aprendiz de letras incorporou-se, embora em condição modesta, ao pequeno grupo que, da sobe-loja da Livraria Alves, exercia o poder literário em Belo Horizonte. Desse grupo participavam figuras bem curiosas. Uma delas conquistaria, depois, singular posição na poesia brasileira e tornar-se-ia legítima glória das letras de Minas.

A esse tempo, o aspirante a literário, de que vimos falando, havia lido de Anatole tudo o que lhe interes-

sava e pusera-se a procurar, naturalmente, outros filões. Todavia, a estima ao autor de «La Rotisserie de la Reine Pedauque» permaneceu inteta nele, através de todas as vicissitudes por que passou a obra do mestre de sua juventude.

Ver-se-á que, precisamente nesse «tom» — que desgostava os modernistas de 1922, hoje maduros e por certo mais compreensivos em relação a M. Bergeret. — precisamente nessa intonação de voz é que Jules Romains vê, não apenas o encanto do velho bruxo, mas sua verdadeira força, sua sabedoria, sua riqueza de humanidade.

PÉGUY, DISCIPULO

DE BERGSON

(Cont. da pag. 4)

que Péguy chega até a Deus e diante dEle se ajoelha, dando ao bergsonismo "uma ressonância cristã e vendo, na doutrina da duração, o sentido da encarnação" (Mounier). Mas ao contrário de Maritain e do Massis, conservou-se sempre fiel ao Mestre de tal maneira que René Johannet pôde dizer: "A obra de Péguy é a coroação da filosofia

Treno Para a Criança Desconhecida

CELSO OTAVIO DE NOVAIS

"assim, como o Soldado, há na Europa da pós-guerra, a lenda da Criança Desconhecida".

- Criança da Europa
- Criança da Guerra
- Criança do Mundo
- Criança Desconhecida
- Eras tão bonita
- Que eu chorei

- Me lembro
- De umas gravuras
- Daquelas estampas
- Rios
- Postais
- Velas
- Natais
- Flôres
- Vocês

- Criança minha dos outros
- Todo mundo sabe agora
- Não tem jeito de enganar
- O gosto do teu desespero
- Te acenaram para ele
- E depois te convocaram
- Esqueceram a tua idade
- Impropria para o sofrimento

- Em vez de sonhos
- (E prometidos foram os mais belos
- Quando estavas no teu direito
- Me parece até de amá-los)
- A realidade que se viu
- Cruel e dura
- Foi propicia a infelicidade
- Do destino que se fechou em tua mão

- Somente a ventura
- Da face lágrima
- Irresponsável
- Te lava os olhos
- .....
- .....
- É te enxuga o coração



# UM POETA AUTENTICO

JOSÉ VALERIANO RODRIGUES

O movimento de liberdade intelectual de 1922 como revolução nos processos técnicos da literatura e das artes produziu um feliz resultado que veio enriquecer o nosso campo literário e artístico.

De toda a barulhenta semana de Arte Moderna, resulta pela metropolização das manifestações intelectuais, apoiada na insurreição do Senhor Graça Aranha, surgiu, mais acentuada depois de 1930, uma fértil independência dos intelectuais situados nas capitais dos Estados e até mesmo dos isolados em cidades e vilas do interior, fazendo nascer o regionalismo literário de onde saíram diversas revistas de literatura e arte nos distanciados pontos de nossa terra, cada qual apresentando inteligências dispostas a realizações positivas.

O Rio de Janeiro deixou de ser o centro literário monopolizador das edições de estréias e a realização da semana de Arte Moderna em São Paulo comprovou o movimento descentralizador. Os manda-chuvas das letras e acadêmicos não mais eram solicitados pelos portadores de vocações literárias e artísticas para o enfadado prefácio.

Surgiram grupos em vários pontos e seus componentes mantinham suas tendências e adaptavam suas vocações aos métodos experimentais do movimento. Aos poucos, as águas calmaram-se e os proceres modernistas ganharam mais solidez no que trouxe de novo e aproveitável e, mais tarde, a experiência do passado de novo se fez respeitada.

A métrica e a rima que foram consideradas como processos materiais da poesia, antiquados e não artísticos, depois de um abandono caprichoso, voltaram ao prestígio antigo e já temos um Jorge de Lima voltado ao soneto na velha forma. Na prosa, o desleixo da lin-

guagem e a falta de respeito pela gramática foram cedendo lugar a uma cuidadosa revisão por parte dos seus adéptos e muitos romances e bem escritos apareceram. Salutar foi o movimento porque os intelectuais situados nos Estados procuravam colocar-se no ambiente de procura e afirmação e para suas experiências fundavam revistas de cultura. Por isso surgiram Revista Acadêmica, no Rio; Surto, em Belo Horizonte; Província de São Pedro, em Porto Alegre; Região e Nordeste, no Recife; Cadernos da Baía, em São Salvador; Joaquim, em Curitiba; Sul, em Florianópolis; Clã, em Fortaleza; Quixote, em Porto Alegre; acaíca, em Belo Horizonte e muitas outras de valor inestimável, além das mais novas como Revista Branca, Orfeu, etc.. Como suplemen-

to literário de jornal tivemos Autores e Livros, de A Manhã, do Rio e o seu sucessor Letras e Artes. Mostrando que a luta por uma posição digna de relevo pode ser enfrentada por um jornal de província, temos o exemplo de CORREIO DAS ARTES, suplemento literário do jornal A UNIÃO, de João Pessoa, do Estado da Paraíba. É um movimento de província e já está vitorioso. Do grupo de intelectuais de CORREIO DAS ARTES surge um poeta admirável, este pernambucano que o poder público da Paraíba soube conquistar para o seu meio, o senhor Edson Régis que estreou maravilhosamente em 1949 com o DESERTO E OS NÚMEROS, edição da Revista ORFEU, outra revelação de gente moça. É um poeta autêntico. Sua criação é

farta em imagens e tem efeitos sutis e belos. As formas e o gosto na composição agradam aos mais apurados apreciadores da poesia, quer das formas antigas, quer das formas modernas. Domina a arte poética como um predestinado, com técnica e singeleza, conquistando uma posição definida e logo no seu primeiro poema afirma: —

«Não terei a pressa  
Que aniquila o verso.  
Na manhã presente  
a flôr talvez não seja  
como anunciaram».

(COMPOSIÇÕES)

Parece até uma profissão de fé bilaqueana, porém, desprezenciosa e por isso mesmo mais bela e mais poética. Suas composições têm formas que se repetem. As palavras são as mesmas, mas as sugestões e as imagens variam no mistério da criação e adquirem um poder de comunicação surpreendente: —

«Esta é a palavra  
de límpida fonte,  
precisa como o sábado,  
nítida e leve  
como pura lágrima,  
lenta, rolando  
pela face:  
liga teu verso  
a ti mesmo  
que ao céu noturno  
será mais puro,  
embora um mistério».

O DESERTO E OS NÚMEROS, poema que dá nome ao livro é todo uma sequência de beleza e em cada verso uma emoção bela e humana vem dominando o desejo do leitor que se irmana com o poeta. As palavras jogadas na formação do verso não permanecem isoladas como sóe acontecer com alguns poetas intimistas que deixam para o leitor a realização poética:

«No meu leito é noite  
e as palavras dormem.»

## VERDADE ?

FANNY LUIZA DUPRE

A mansão tranquila dos meus pobres dias,  
ao abrir das rosas,  
saí a procura de verdade.

Encontrei penhascos.  
Escalando rochas,  
vencí a escarpa rude das montanhas.

A fúria dos mares e o rugir da procela,  
fizeram-se ouvir a passos de distância.

Homens,  
mulheres,  
crianças,

sábios  
e poetas

encontrei, peregrinos, pelas estradas.

Depois,  
no vácuo imenso da grande noite,  
cruzes enfileiradas...

Ô soldados mortos numa luta inglória !

A mansão tranquila dos meus pobres dias,  
voltei, sózinha, ao cair das fôlhas.



Ah! quantas palavras  
nos mares circulam!  
Não posso prendê-las,  
ouvi-las não posso».

Até mesmo no poema  
«MATERNIDADE NUN-  
CA», um dos mais secos do  
livro o sr. Edson Regis,  
consegue um efeito extra-  
ordinário pela força da ima-  
gem desfigurada e sugestiva  
do terceto: —

«Pelos campos da noite te busquei,  
ouvindo tua voz no meu passado.  
Surgiu a aurora e me encontrou cansado  
e nos campos da noite não te achei.

Entre as sombras do mundo caminhei  
no silêncio que envolve o abandonado.  
Pelos vultos noturnos rodeados  
Passei a noite inteira e não te achei.

Em que fonte de sonho e poesia  
poderei te encontrar ainda algum dia  
e de outra longa ausência te impedir?

Pelos campos da noite foste embora  
e se não voltas, pelo mundo afora,  
Entre as sombras da noite hei de partir».

Este conjunto de rimas,  
métrica, ritmo, graça, sim-  
plicidade, humanidade, sen-  
timento, dá ao senhor Edson  
Regis uma situação defini-  
da nos arraiais literários do  
país e não digo de sua gera-  
ção porque o verdadeiro poé-  
ta não tem geração. No tem-  
po e no espaço a verdadeira  
poesia sempre existiu, exis-  
te e existirá, enquanto hou-  
ver alguém que a saiba re-  
ceber e transmitir.

Se nas experimentações  
das formas modernas é fe-

«Deserta a casa  
e o rubro sangue  
do tempo certo».

Seu estro é variado e  
seus horizontes amplos  
para os vôos de uma ima-  
ginação sadia e bela. Sua  
poesia atinge altas posições  
e até das insatisfações de  
seus sonhos tira, com vigor  
de forma sem prejudicar a  
idéia, resultado feliz como  
no soneto A BUSCA: —

liz o poeta de O DESERTO  
E OS NÚMEROS, mais é  
quando, na antiga forma,  
realiza sua mensagem de  
beleza e sentimento. Ainda  
assim, a poesia vem crista-  
lina e pura, falando alto  
sem ferir ouvidos, elevan-  
do almas com linguagem  
simples. Podemos abrir em  
qualquer página. Vejamos  
PERDIDO NO RECIFE,  
onde a cadência se harmoni-  
za com a rima, universaliz-  
ando o desejo de fuga e a-  
ceitação da vida: —

«Sinto por já sentir tudo perdido  
uma vontade doida de ir-me embora:  
sair cantando pelo mundo afora,  
depois jogar-me no desconhecido.

Mas demoro a sair e esta demora  
me torna cada vez mais constrangido,  
lembrando o meu esforço despendido  
desde o dia em que fui até agora.

Por que não me entregar ao mar imenso  
se preciso de sal e me convenço  
nos meus sonhos que aqui nunca o terei?

— Que me falta? Será um companheiro?  
E fico sem resposta o dia inteiro,  
Perdido no Recife onde me achei».

A infância que evoca em  
CANÇÃO DA VILA é esta  
que a alma do brasileiro  
sente e não sai por meio  
de palavras porque nem

todos tem a sensibilidade  
de Edson Regis. Consegue  
efeitos novos apenas unan-  
do a métrica e a forma. Ve-  
jamos: —

«Uma canção singela nesta noite  
tomou-me todo misteriosamente:  
foi a canção que ouvi há muitos anos  
na vida onde passei a minha infância.

Na canção veio a música dos pássaros,  
(dos sabiás da mata e dos canários)  
pelos quais o meu pai dava altos preços  
e Agripino o melhor dos seus cuidados.

A canção ainda trouxe as vozes doces  
das meninas que vinham das Fazendas  
dançar ao som da Banda de Patrício.

— Canção da vila, deixa os meus ouvidos,  
tú és a minha vida de menino,  
o tempo que voou no gramofone».

Infância, vida, morte, so-  
nho, deserto, números, noite,  
Deus, são palavras que apa-  
recem no livro e sempre  
com um poder de sugestão  
novo e próprio. Seus so-

nhos são realizados por pa-  
lavras, por isso é que em  
FANTASMA DO RIO UNA,  
assistimos a esta transfigu-  
ração: —

«Quando as águas do rio Una  
de longe trazem fantasmas  
as virgens não têm socêgo:  
o mundo não vale o rio,  
os fantasmas viram gente,  
os sonhos viram palavras».

Como um visionário, con-  
duzido pelas imagens, o  
poeta prosta-se diante da

morte e como um ser viven-  
te suporta, resignadamen-  
te, a sua condição dúbia  
de homem e poeta:

«Lavo o meu corpo como se fôsse entregá-lo á morte,  
depois de escrever o último poema,  
para que eu seja ao menos uma humilde planta  
no solar de Deus».

(POEMA)

Com este livro de estreia  
o senhor Edson Regis mar-  
cou ponto na poesia nacio-  
nal e com o sr. Mauro Mota

será considerado, com jus-  
ticia, a sensibilidade mais  
fina e positiva de nossa  
poesia no setor nordestino.



## NOVOS E VELHOS LIVROS

## "As Aventuras de Roderick Random"

LAURENIO LIMA

EM 1748, Tobias Smollett, doutor em medicina, cirurgião da armada real inglesa e teatrologo mais ou menos fracassado, publicava em Londres um livro como uma aventura que seria a garantia da sua glória de escritor. Este livro foi o romance "The Adventures of Roderick Random", que hoje se lê com o mesmo interesse — porque atualíssimo como os fatos da vida do nosso visinho.

Os críticos oficiais ingleses têm considerado, Tobias Smollett, quase de má vontade, como um clássico, fazendo precavidamente restrições à licenciosidade de sua linguagem menos acadêmica, e que entretanto não desgostaria o próprio Arnold Bennett. Não que a língua em que se expressava fugisse àquelas regras pouco elásticas que se contém na gramática de Mason, sobretudo porque escrevendo para um público, que não desejava de requintados, esqueceu que entre os seus possíveis leitores poderiam encontrar-se púdicas donzelas ou austeras mães de família a quem, nos habituais serões literários em torno à mesa de jantar iria escandalizar com cenas menos próprias para espíritos tão pouco afeitos às sorridas coisas deste largo mundo e com certos vocabulos que no seu tempo ficavam reservados a ambientes menos refinados que uma honesta sala de visita burguesa. Mas essa restrição, que se repete ano a ano em cada aula de literatura inglesa, não impediu que o seu livro atravessasse as gerações, de pais a filhos, e fosse lido, hoje da mesma forma que ontem, pelo gosto de acompanhar a aventura do seu herói que traz uma experiência de vida.

A verdade é que o romance foi um sucesso menos pela sua linguagem desabusada do que pela coragem do seu autor em contar desacanhadamente todas as aventuras romanescas e nem sempre honestas de um homem que se

pretendia fôsse a própria figura do autor. Afinal de contas não era apenas as aventuras de Roderick Random que se queria conhecer, era sobretudo George Tobias Smollett que se desejava surpreender como um dandy ou em trajes menores.

Esse inglês nascido em Glasgow em 1721 apreendeu como ninguém o caráter essencial da literatura para o povo e não fez mistério de passar ao papel cada pormenor da vida agitada dêsse vagabundo que era Roderick. Sente-se em Smollett uma simpatia particular pelo seu herói e se o acompanha em ações pouco serias — no sentido do regu-

lar e do comedido — não excusa de justificar os excessos da sua criatura.

Roderick não tem problemas psicológicos nem complexos, apresenta-se ao leitor "stark naked" como aliás gostam de aparecer fisicamente os personagens do Smollett. Os seus problemas ele não os cria, acontecem-lhe, como nas tragédias e a elas não pode fugir. Até parece que o romancista se empenha em criar situações complicadas para delas ver sair com "fair play" e algumas equívocos o jovem escosses de alma simples e coração brando. Mas a verdade é que os seus casos já derivam de força superior que não é

propriamente a fatalidade porre ma organização social — a própria vida essencialmente humana.

O psicólogo moderno não teria muito material para estudar nessa novela. Não existe ali os conflitos de consciência outras paixões analisadas e esmiuçadas num metucioso exame de quem não deseja manter em segredo os mistérios de alta. Os seus personagens nem chegam a ser descritos em corpo inteiro para um conhecimento, à primeira vista, do que são capazes de fazer, das perspectivas futuras de comportamento. Elas são apenas esboçadas em traços curtos como caricaturas, todavia ainda assim percebe-se nas aparições e desaparecimentos bruscos e sem aviso que são feitos desse estofamento humano de cada um de nós. São retratos esquemáticos que surgem ao sabor da imaginação ou da memória do novelista em cada novo capítulo que nada tem de comum com o precedente não ser o tenue fio — que a todo momento ameaça partir-se — do enredo que é toda a vida do herói.

Os fatos, estes sim representam toda a força de sua honra. Os fatos que vêm com aquela força do que tem de ser e a que se submetem os personagens conservando apenas a esperança de um dia melhor que chegará como uma recompensa. Compreende-se porque Roderick não tem um momento de revolta contra as forças superiores que o sacodem e no máximo esboça uma atitude mais ríspida para o seu inimigo, mais próximo e que se apresenta como uma coisa concreta para logo depois arrepender-se de sua revolta, e considerar quasi como inútil todo esforço.

Essa atitude parece daquele que muito viveu e sofreu e por isso mesmo compreende a inutilidade da luta desigual contra o imponderável. Mas não é uma acomodação ou uma fuga, antes corresponde a uma preparação, à expectativa do dia melhor e



CALVARIO — Manuel Lapa



para o qual o homem se prepara e guarda a esperança dessa hora que lhe há de chegar inesperadamente como a morte. Por isso mesmo a sua vida é cheia de perdão e esquecimento; esquecimento até das faces dos seus antigos inimigos.

A vida de Tobias Smollett, por si só foi uma permanente aventura novelesca e não faria ele o menor esforço de imaginação para transformar em livro cada um dos episódios da sua inquieta existência. Neto de homem rico e de posição, um "squire", com um pai fidalgo e uma mãe apenas criada de quarto, juntos por um casamento que somente trouxe embaraços à família e essa aura de mistério poético que cerca os casamentos por amor, Smollett guardaria em si, em extranha harmonia, o sentimento da nobreza que vem do sangue e a indiferença pelas coisas da sociedade que se traduzia no humorismo.

O riso como arma para vingar-se da fatuidade sólidamente fixada ao mundo que ao artista parecia corrupto e prestes a desfazer-se. E dessa existência tumultuosa e irregular aproveitou muita coisa para o seu romance; as melhores coisas que fazem do seu livro uma obra prima — um clássico da literatura inglesa. Mas um clássico que por muito tempo — e um pouco ainda hoje — não pode ser lido por todos. E agora nem creio que Tobias Smollett tivesse empenho em ser lido pelos bem pensantes do seu ou do nosso tempo, apesar dos avisos que prega, como desculpas antecipadas no prefácio da sua obra.

"That the delicate reader may not be offended at the unmeaning oaths which proceed from the mouths of some persons in these memoirs, I beg leave to premise, that I imagined nothing could more effectually expose the absurdity of such miserable expletives, than a natural and verbal prepretation of the discourse in which they occur".

Aliás esses avisos são diversos e não se referem somente aos "oaths" mas sobretudo ao perigo de qualquer contemporâneo sentir-se metido nas roupas, nem sempre ajeitadas, dos seus personagens. Até parece que o preocupavam outras mais serias

sanções que a antipatia ou o escândalo de qualquer velho moralista ou a pudicícia de solteironas desventuradas morrendo de desgosto pela vida fechada num compulsório orgulho pela virtude sem possibilidade de ameaças.

Nesse sentido Smollett foi o precursor dessas advertências que se fazem hoje nas fitas de Hollywood sobre possíveis alusões a firmas e pessoas que são meras coincidências. Todavia "The adventures of Roderick Random" não é mesmo a vida de Tobias Smollett e nem são as suas aventuras porque não se pode pensar que o artista ainda que tentasse deliberadamente escrever a história da sua vida não recriasse cada um episódio, como se fossem eles representativos da vida de todo homem em todo tempo. E quasi achamos hoje desnecessárias suas palavras antes de iniciar as aventuras de seu herói.

The same method has been practised by other Spanish and French authors, and by none more successfully than by Monsieur Le Sage, who, in his Adventures of Gil Blas, has described the knavery and foibles of life with infinite nomour and sagacity. The following sheets I have modelled on his plan, taking the liberty, however, to differ from him in the execution, were I thought his particular situations were uncommon, extravagant, or peculiar to the country in which the scene is laid".

Na verdade as qualidades de cada um dos seus tipos pertencem a quinhentos diferentes homens, em cada cidade, em cada vila, em cada canto do mundo. Portanto são os seus fatos verdadeiros e

merecem suas palavras — não fala ele sinão daquilo que viu e conheceu por testemunho e experiencia no largo mundo em que viveu.

"Every intelligent reader will, at first sight, perceive I have not deviated from nature in the facts, which are all true in the main, although the circumstances are altered and disguised, to avoid personal satire".

Eis um homem que seria celebre se se tivesse apressado em escrever o seu livro antes de Fielding, e antes de Richardson, todavia parece que o seu Roderick Random e o Humphrey Clinker são mais conhecidos hoje que os daqueles pioneiros no genero da Inglaterra. Pelo menos teve o Roderick Random o privilégio de ter inspirado a Dickens o maior talvez, dos seus romances o "David Copperfield".

Mas afinal de contas o que são "The Adventures of Roderick Random"? A história de um homem que passa das posições sociais mais vantajosas à miséria, e da miséria à fortuna, conservando as qualidades raras de simplicidade e ingenuidade que lhe foram ensinadas em criança. A historia de um homem que entra em contacto com os tipos mais diversos e não perde "the common touch", como no poema de Kipling.

O êxito de Smollett foi enorme e todos queriam saber a sua historia, todos queriam conhecer a sua vida nos pequenos detalhes, nos lances de heroísmo, nos momentos trivialis e até naquelas horas em que passava para o dominio do ridiculo.

Porque afinal de contas como diz João Gaspar Simões

"cada um de nós é, afinal, protagonista de um romance; apenas não damos conta de que a nossa vida, entre o berço e o túmulo, descreve a trajetória de um verdadeiro romance. De modo que quando morre um homem morre simultaneamente um herói de um romance que ninguém escreveu".

Nesse sentido seus leitores não tiveram uma decepção. A sua novela se tinha muito de suas experiências, do seu testemunho, não era a sua vida e nem chegara a ser a historia de sua vida mesmo porque Roderick Random nem é mesmo a historia da vida do seu autor, no maximo pode ser a história de algumas vidas.

O público não disutiou esse ponto essencial, não chegou mesmo a descobri-lo e ficou satisfeito porque afinal de contas aquelas historias poderiam ser de todos ou de cada um porque eram sem dúvida historias de homens e não de sombras ou fantasmas. E o próprio Smollett antecipando os avisos do cinema sobre possível coincidência adverte depois de contar uma fábula:

"Christian reader, I beseech thee, in the bowels of the Lord, remember this example while thou art employed in the perusal of the following sheets; and seek not to appropriate to thyself that which equally belongs to five hundred different people. If thou shouldst meet with a character that reflects thee in some ungracious particular, keep thy own counsel; consider that one feature makes not a face, and that though thou art, perhaps, distinguished by a bottle-nose, twenty of thy neighbours may be in the same predicament".

«O HOMEM NORMAL  
Esse outro desconhecido»

Está alcançando invulgar e merecido sucesso a recente publicação de uma das obras científicas de maior valor que têm saído, últimamente, dos prelos nacionais: o livro «O HOMEM NORMAL, esse outro desconhecido...», do ilustre médico e cientista argentino, Dr. Alejandro Raitzin, professor da Faculdade de Medicina de Buenos Aires.



Desenho de Alfred Tennyson para um livro de Aubrey de Selincourt



# VARIAS

## "CANTO NATIVO"

### REVISTA BRANCA Nº 11

RECEBEMOS mais um número de REVISTA BRANCA, o mensário de cultura da nova geração do Rio de Janeiro, e que obedece à direção de Saldanha Coelho.

Trata-se do número 11, e é referente aos meses de março e abril, do corrente ano.

Como sempre, REVISTA BRANCA prima pela boa disposição material e critério seletivo na apresentação dos trabalhos.

Colaboram nesse número: Herberto Sales, Levy Rocha, Nataniel Dantas, Linneu Sello, Da Costa e Silva Filho, Mauro Mota, Paulo Bonfim, Henriqueta Lisboa, Cyro Pimentel, Geraldo Pinto Rodrigues, Afonso Felix de Sousa, Almeida Fischer, Tomás Seixas, Lia Lah, Saldanha Coelho, Adalmir da Cunha Miranda, Gastão de Holanda, Renato Jobim, Danilo Torreão, Fernando Jorge Uchôa, Paulo Mendes Campos, Rocha Filho, Paulo Armando, Renato Linhares, Belisla Moniz e Terezinha Eboli.

### MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MALÍCIAS

AS linotipos estão esperando com impaciência os originais de MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MALÍCIAS, o novo livro de Silvino Lopes, o nosso «Bernardo Shaw de chapéu de couro». Essa impaciência pelo livro de Silvino Lopes, porém, estende-se aos seus inúmeros leitores.

Todo mundo quer ler as memórias desse «terrível» Silvino, o homem que diz as coisas «devagar e sempre». Muitos segredos vão ser revelados agora, com a saída de MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MALÍCIAS.

### MAIORES E MENORES, o próximo livro de João Lelis

NÃO faz muito tempo, anunciámos que o escritor João

NÃO conhecia o Jaime de Altavila poeta, e sim o jurista, o advogado, o professor de Direito, que passa pelos corredores da Faculdade, com uma pasta debaixo do braço, um sorriso otimista no rosto, a distribuir cumprimentos efusivos à estudentada.

Não há nele esse ar distante dos poetas. Eis por que engana à primeira vista.

Jaime de Altavila, que atualmente dirige a Faculdade de Direito de Alagoas, é um homem diurno, um homem de ação, e que só se entrega ao reino da fantasia quando se recolhe à sua residência lá em Jaguaribem defronte do mar. Ali temos o poeta o artista, o sonhador, o olhar distante a evocar imagens perdidas, a compor um passado colorido e bom. Daí eu não perceber no professor de Direito, no Diretor de uma Faculdade, o poeta, o fantasista.

Agora diante de seus poemas (Canto Nativo — 1949 — Macaíó) entro na intimidade de um inspirado poeta, interprete de costumes e sentimentos do seu povo e de sua terra. Enamorado do passado, Jaime de Altavila é um artista torturado pela saudade, às voltas com os fantasmas de um mundo já muito distante, mas inesquecível.

Podemos classificá-lo um poeta da natureza, resignado e nostálgico, e que vive a cantar a "tristeza ante a dor da terra", as superstições e lendas de nossa raça. Gonçalves Dias é seu irmão. Nota-se-lhe um forte parentesco com o poeta maranhense.

Referindo-se aos coqueiros de sua terra, ele assim se expressa:  
Os coqueiros de minha terra são sentinelas  
Perfiladas à beira do mar e das lagoas.

Em certo poema, ele define o seu amor à terra natal, e então grita, numa verdadeira exaltação patriótica:  
"É a terra de minha terra nos meus olhos  
Minha terra é morena como as árvores sertanejas;  
Minha terra tem os olhos cor das águas das lagoas  
Minha terra tem os cabelos verdes como os coqueiros..."

A cidadezinha do interior, o ambiente da infância longínqua, a paisagem ingênua não lhe sai da imaginação:  
Cidadezinha de lampeões de querosene  
Onde a vida parou, sem deixar de existir  
Os relógios antigos não tem pressa  
Ninguém vai. Ninguém vem. Anda-o tempo a dormir.

Cidadezinha que desperta uma vez por semana  
E que vai se nutrir lá no pátio da feira.

Cidadezinha que tem um "Gande Hotel dos Viajantes"  
É um bilhar, onde brilha a sua juventude.  
Cidadezinha sem jornal e sem grupo escolar  
Cidadezinha que não tem um posto de saúde.

E assim, em todas 104 páginas de seu livro, vai o poeta Jaime de Altavila cantando o passado de sua terra, amores e tristezas de sua gente. O seu canto é bem um canto nativo cheio de muita sinceridade e de muito romantismo. — CARLOS ROMERO.

Lelis está preparando um livro de ensaio, que intitulou MAIORES E MENORES, onde faz um interessante estudo sobre as mais expressi-

vas figuras de nossa literatura. Soubemos agora de fontes fidedignas, que o livro já está pronto, devendo brevemente entrar no prelo.

### ADERBAL JUREMA, E AS PROVINCIANAS

SE houve um livro que mereceu os mais justos elogios da crítica literária do país, foi PROVINCIANAS, ensaios críticos do escritor Aderbal Jurema.

Agora, ao que sabemos, Aderbal pretende publicar a 2ª série de PROVINCIANAS, e isto tem despertado o mais vivo interesse nos meios literários.

Indagado sobre quando sairá o segundo volume de PROVINCIANAS, o diretor de NORDESTE respondeu, depois de uma invejável bafurada no cigarro — «Deixe passar o vendaval da política»...

### CONCURSO DE MONOGRAFIA «JOAQUIM NABUCO»

Conquistou o 1º lugar o escritor conferraneo Glaucio Veiga

CONSTITUIU nota significativa nos meios culturais do Nordeste, o concurso de monografia sobre Joaquim Nabuco, em comemoração ao 1º centenário do grande estadista nacional.

Concorreram a esse certame, de elevado sentido histórico e cultural, vários intelectuais nordestinos.

Apurado o resultado, conquistou o primeiro lugar, com um trabalho de 400 páginas, o escritor conferraneo Glaucio Veiga, colaborador deste suplemento e elemento conceituado nos meios literários do país.

Computaram a mesa julgadora do referido concurso os escritores Mauro Mota, do «Diário de Pernambuco», Nilo Pereira, da «Folha da Manhã», e Aderbal Jurema, do «Jornal do Comércio».



## FLAUBERT INTIMO

ALBERTO ROMÉRO

Toda gente sabe que Gustav Flaubert sofria dessa obsessão estética a que se convencionou chamar «Tortura da Forma».

Claro que esse curioso fenômeno da inteligência criadora não era privilégio do pai de Mme. Bovary, pois os maiores escritores são, muita vez, os que mais correções fazem em suas obras, antes de publicá-las. Que o digam Ariosto, Petrarca, Tasso, Pascal, Buffon, Chateaubriand, Tolstoi, Balzac, Anatole France e muitos outros homens de gênio que se mataram nas torturas da criação.

O velho Fradique Mendes, falando por Eça de Queiroz, dizia que ninguém deveria escrever, porque todos escrevem mal. Ora, como todos os que procuram a frase, a palavra justa, que mal se nos mostra logo foge, também ele e o seu criador haviam experimentado o suplicio do estilo...

Mais que todos, porém, o sentiu Flaubert. Sua sobriahá, muitos anos após a morte do grande romancista, confirmou as palavras do Mestre, quando este dizia que uma página só, lhe custava um dia inteiro de labor. Para se ter uma idéia das atrozes torturas que afligiam o espirito desse homem, basta saber que ele considerava mais fácil ficar alguém milionário, habitar palácios suntuosos, cheios de obras primas, do que escrever uma boa página e estar contente consigo mesmo. E confessava: «quanto mais adquiro experiência na minha arte, mais ela se torna um suplicio para mim». Mau grado o tormento que o aniquilava por não poder atingir o suprêmo equilíbrio da forma, uma coisa é certa: Flaubert foi um mestre de sua arte. Dentro da teoria da arte impessoal, achava ele que «o romancista não tem o direito de manifestar sua opinião sobre o que quer que seja. Por ventura Deus, alguma vez, manifestou-nos a sua opinião?»

Sim: o romance não deveria

jamais exprimir a personalidade do autor. Ao romancista não assiste o direito de projetar suas idéias sobre os acontecimentos que descreve. Com pete-lhe, ao contrario, manter absoluta equidistância frente aos personagens e ás situações. Nada de se intrometer em cena. «Verás como os teus personagens falarão bem, desde que não fales pela sua boca», escreveu ele a Feydeau.

Espirito singularissimo o desse homem cético, em que transparecia um sombrio «humor» satírico. É conhecido o desdém que lhe inspirava a humanidade, a «sottise humaine», como dizia Voltaire. Porém,

difícilmente se encontra na literatura universal um artista tão penetrado da grandeza de sua arte. Sem que necessitasse de escrever para viver, Flaubert vivia para escrever.

Trabalhava como um forçado. «A raça dos gladiadores não foi extinta, pois que todo o artista é um deles. Diverte o público com as suas agonias», escreveu certa vez.

Dizia professar a religião do desespero; mas, em verdade, a sua religião era a literatura. Pois esse gigante, que escarnecia de tudo e de todos, até de si próprio era, entretanto um grande idealista. Procurava atingir o inatingível na arte a que se consagrou até o fim de

seus dias. Enamorado da beleza eterna, vivia insatisfeito de si mesmo. Perseguiu dia e noite, uma quimera: o estilo insuperável.

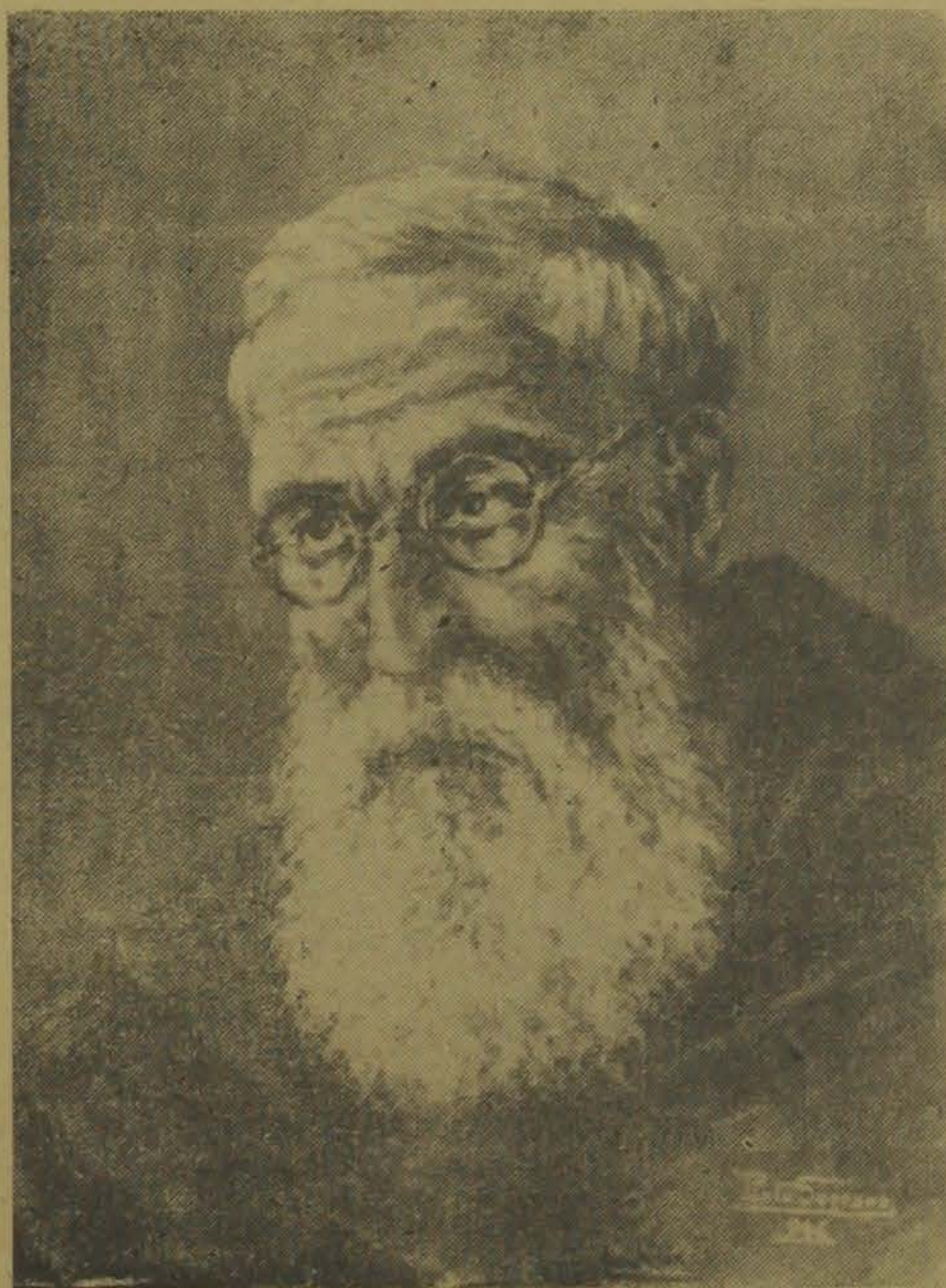
Lendo a correspondência desse fanático da pureza estética, a gente encontra a cada passo confidências curiosissimas. Flaubert se espalhou nessas páginas íntimas, consideradas pela critica como das mais sugestivas que já produziu. Escritas ao sabor da pena, sem pretensões á publicidade, constituem, por sinal, a melhor prosa do mestre. O estilo é desenvolvido, agilissimo; as frases refulgem, vivas e fascinantes. Mostramos um Flaubert á vontade em «robe de chambre», em deliciosa prosa fiada com amigos. Hoje «blagueur», amanhã «sombrio como um túmulo». Mas comentando tudo, longe das preocupações com o grande público e por isso mesmo mais sincero, mais espontâneo, mais humano.

Flaubert escrevia muito lentamente, pois conforme declarou certa ocasião, escrever um livro era, para ele, o mesmo que emprender uma longa viagem...

Ninguém mais sóbrio, circunspecto, retraído. Ninguém mais avesso á propaganda pessoal. E a prova do que afirmamos, encontramos-na na resposta que ele deu a um amigo que lhe pedira alguns dados biográficos sobre a sua pessoa. Disse, então, que o escritor valia unicamente pelas suas obras. Sua vida pouco importava.

Esse «genie de France», fugia das capelinhas literarias como o diabo da cruz. Não queria nada com os literatos... Apenas a literatura o deslumbrava. Era o seu vinho; a sua cachaça. Vivia perdido numa orgia de arte. Poderíamos defini-lo assim: na vida real, era um casto; na vida do espirito, um boêmio...

### PINTURA PARAIBANA



MONGE — Pinto Serrano